



HAVERÁ ARTIGO DEFINIDO EM RONGA?

IS THERE A DEFINITE ARTICLE IN RONGA?

Bento Siteo²⁹

Ernesto Mario Dimande³⁰

RESUMO

No presente artigo analisamos, por meio de uma abordagem sincrônica, o processo de expressão da definitude em Ronga, uma língua do grupo bantu, falada na região sul de Moçambique. Nele, procuramos encontrar respostas a esta pergunta, discutindo as estratégias que os falantes desta língua adotam para efeitos de expressão da definitude. Os dados que suportam a análise são da variante dialectal *Xinondrwana* e foram obtidos através de um questionário estruturado, submetido aos falantes nativos da língua. A análise destes dados sugere que nesta língua não existe artigo definido. Assim sendo, para efeitos de expressão de definitude, os falantes desta língua adotam várias estratégias, entre as quais, o emprego de demonstrativos, clíticos, assim como o uso de pronomes absolutos. Por outro lado, pretendemos lançar alguma luz sobre aquilo que alguns estudiosos têm confundido com o artigo definido, a partícula eufónica *a-*, que amiúde antecede nomes e ocorre também com palavras de outras classes nominais.

PALAVRAS-CHAVE: Ronga; Artigo definido; Definitude, Partícula eufónica

ABSTRACT

*In this article, by means of a synchronic approach, we analyzed the process of expressing definiteness in Ronga, a bantu language spoken in the southern region of Mozambique. We seek answers to this question, discussing the strategies that the speakers of this language adopt for expressing definiteness. The data that support the analysis are from the Xinondrwana dialect. They were obtained through a structured questionnaire submitted to the native speakers of the language. The analysis of the data suggests that there is no definite article in this language. Thus, for the purpose of expressing definiteness, the speakers of this language adopt several strategies, including the use of demonstratives, clitics as well as absolute pronouns. We also want to shed some light on what some scholars of Ronga have confused with the definite article, the euphonic particle *a-*, which often precedes nouns and also occurs with words of other nominal class.*

KEYWORDS: Ronga; Definite article; Definiteness; Euphonic particle

²⁹ Doutorado em Linguística Africana pela Universidade de Leiden (Holanda). Mestrado em Linguística Africana pela Universidade de Varsóvia (Polónia). Professor jubilado da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique). E-mail: bsithoye@gmail.com

³⁰ Investigador Estagiário, Centro de Estudos Africanos (CEA) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) Departamento de Estudos de Linguagem. Doutorando em Linguística Teórica, do Departamento de Linguística e Literatura, da Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS), da UEM. E-mail: dimande40@gmail.com



1. Introdução

Uma das temáticas que têm alimentado aceras discussões, em nível da linguística descritiva de diversas línguas naturais é a definitude, entendida como um mecanismo semântico de determinação de núcleos de sintagmas nominais (SNs), numa dada situação de comunicação.

Sobre a definitude, uma análise atenta à literatura, permite concluir que as línguas comportam-se de maneira diferente, existindo línguas em que este elemento está presente e outras em que este item não ocorre. De fato, enquanto em algumas línguas existem partículas cujo papel exclusivo é o de assinalar a definitude ou indefinitude de SNs, em outras, este processo realiza-se através de outros mecanismos sintáticos, conforme mostram os exemplos:

(1) a. *A* professora não veio à escola.

b. Viajei com *o* aluno.

(2) a. *Tàuhshīn yáuh (yāt) go yàhn yahp jó àih.*

Mesmo agora haver (um) CL5 pessoa entrar PFV⁶ vir.

‘Alguém entrou mesmo agora.’

b. *Māau hóu jūngyi sihk yú ge.*

Gato muito gostar comer peixe PRT⁷

‘Os gatos gostam muito de comer peixe.’

(Zhang, 2010:60)

onde em (1a) ilustra-se a marcação da definitude na língua portuguesa através do artigo definido *a*, para sinalizar que se trata de uma professora conhecida pelos interlocutores e, em (1b), através do artigo definido *o*, também para dar conta de que se trata de um aluno claramente identificado. Contrariamente a estes exemplos, em (2), Zhang (2010), resumindo os resultados de Li & Thompson (1989) e Matthews & Yip (1994), mostra que o Cantonês, sendo uma língua sem artigos definidos e sintaticamente de tópico-proeminente, para expressar a definitude recorre a mecanismos semânticos e pragmáticos. Assim, a título de



exemplo, em (2a) constatamos que o marcador existencial *yáuh* é usado para introduzir um novo tópico. Em (2b) sugere-se, segundo Zhang (2010), que os SNs genéricos podem ser tratados como definidos e, por isso, ocupam a posição de tópico.

Para além da topicalização, Zhang (2010), considera que os falantes da língua cantonesa recorrem a outros mecanismos dêiticos, como por exemplo, o uso de pronomes demonstrativos, conforme se constata nos seguintes exemplos:

- 3a. *nī* *gāan* *hohkhaauh.*
Esta CL escola
‘esta/a escola’
- b. *gó* *jēung* *tói.*
aquela Cl mesa
‘aquela/a mesa’

(Zhang, 2010:62)

Os demonstrativos *nī* ‘este’ e *gó* ‘aquele’, em (3a) e em (3b), respectivamente, permitem que tanto a escola, quanto a mesa sejam claramente identificáveis pelos interlocutores da comunicação.

O presente artigo, que tem como título “*Haverá artigo definido em Ronga?*”, surge no contexto do “convite” formulado pelos Professores Soélis Teixeira do Prado Mendes (ICHS/UFOP) e Eduardo Tadeu Roque Amaral (FALE/UFMG) no sentido de submissão de artigos que discutam a temática de artigo definido nas línguas naturais. Assim, em jeito de pergunta, pretendemos, em termos gerais, analisar o processo linguístico de expressão da definitude na língua ronga. Mais especificamente, nosso objectivo é, por meio de uma abordagem puramente sincrônica, observar como nesta língua são realizadas as funções do artigo definido. Isto porque um dos temas que ainda carece de estudos, no nível da sintaxe e da semântica das línguas bantu em geral, e sobretudo das faladas em Moçambique, é o

processo de expressão da definitude. Por outro lado, pretendemos lançar alguma luz sobre aquilo que alguns estudiosos de Ronga têm confundido com o artigo definido, a partícula eufônica *a-* (PE), que amiúde antecede nomes e que coocorre também com palavras de outras classe nominais.

A pesquisa está ancorada na *Teoria de Familiaridade da Definitude*, que, segundo Silva (2013), foi desenvolvida por Christophersen (1939), na qual se defende, essencialmente, que “*a função primordial da definitude seria assinalar que o referente pretendido de um SN já é familiar à audiência no corrente estágio de conversação.*” (SILVA, 2013, p. 58).

Em termos estruturais, organizamos o trabalho em 6 seções. Esta é a seção introdutória e nela contextualizamos a pesquisa, apresentando o tema e os objetivos. A segunda seção tem o título “*África, um mosaico linguístico*”, e nela descrevemos a situação linguística do continente africano e especificamente de Moçambique. Ainda nesta seção, apresentamos alguns elementos da língua em estudo (o Ronga) como, por exemplo, a sua localização geográfica, o número de falantes e as suas variantes dialetais, bem como a organização de nomes em classes nominais. A terceira seção é dedicada ao aporte teórico, no qual fazemos uma breve revisão de literatura sobre a definitude. A quarta seção aborda o processo da expressão da definitude na língua ronga e nela, para além de, através de dados empíricos, demonstrarmos que de fato esta língua não possui artigo definido, apresentamos as estratégias que os seus falantes adotam no processo de definitização. Na quinta seção tentamos “*colocar os pontos nos is*” sobre a partícula ronga *a-* que tem sido confundida com o artigo definido, apresentando dados que refutam esta posição. Finalmente, na sexta seção, tecemos as “*considerações finais*”, avaliando o trabalho realizado e destacando as principais constatações.

Depois desta breve introdução, passamos aos assuntos aqui mencionados, iniciando pela apresentação da situação linguística do continente africano.

2. África, um mosaico linguístico

Segundo Kukanda (2000) e Ngunga (2004), as línguas autóctones do continente africano subdividem-se em 4 famílias, designadamente, (i) Afro-asiática, (ii) Nilo-sahariana,

(iii) Congo-kordofaniana e (iv) Khoisan, ocupando uma área de 30 310 000 kms. Cada uma dessas famílias possui as suas especificidades, em termos de localização, sub-famílias constituintes e características morfo-sintáticas.

Canonicí (1991) e Greenberg (1963) *apud* Ngunga (2014), concordando com Kukanda (2000), acrescentam que, para além das 4 famílias, existem ainda mais duas, nomeadamente, a *Malayo-Polynesian*, (astronesiana, em Ngunga (2014)), à qual pertencem a língua malgaxe e a *Indo-Europeia*, à qual pertence a língua *afrikaanse*, que somente é falada em África.

A família afro-asiática, que também é designada *Hamito-semítica*, é, segundo Canonicí (1991) e Kukanda (2000), majoritariamente falada na região norte de África, concretamente na Etiópia, Eritreia, Somália e à volta do lago Chade, na região central, por aproximadamente 300 milhões de pessoas, compreendo 6 grupos, designadamente, Chádico, Berber, Semita, Cushítico, Egípcio, Omótico.

Sobre os grupos referenciados no parágrafo anterior, Kukanda (2000) sublinha que, com a exceção da subfamília mais expressiva, a Semítica, da qual fazem parte o Hebraico e o Árabe, esta última que se expandiu para África no contexto das conquistas muçulmanas e árabes, as línguas desta família são, grosso modo, faladas na Ásia.

A família nilo-sahariana, “*que se encontra numa cadeia descontínua desde o norte do Rio Níger a ocidente, até Etiópia a leste, grande parte do vale do Nilo superior e partes de Uganda e Kenya*” (CANONICÍ, 1991:3), compreende, segundo Ngunga (2014), seis subfamílias, designadamente Songhai, Sahariana, Maban, Fur, Chari-Nilo e Koman). Estas línguas são, segundo Kukanda (2000), faladas no Níger, Burquina Faso, Tchade, Etiópia e Sudão.

A família niger-kordofaniana ocupa uma vasta região “*que se estende ao longo das partes central e meridional de África, descendo do equador até ao Cabo*” (CANONICÍ, 1991, p.3). Para Canonicí (1991), Kukanda (2000), Ngunga (2014), entre outros, esta família compreende duas subfamílias, designadamente, a Kordofaniana e a Niger-Congo. Comparando as duas subfamílias, Canonicí (1991) considera que a kordofaniana é a menos falada, compreendendo cerca de 30 línguas faladas em pequenas regiões da cordilheira de Nuba, no sudoeste do Sudão. A subfamília Níger-Congo integra as línguas bantu é a mais expressiva da região subsahariana de África. As línguas bantu constituem o grupo mais

expressivo delas, sendo faladas “*numa vasta região da África contemporânea que se estende a sul de uma linha que vai desde os Montes Camarões (a sul da Nigéria)*” (NGUNGA, 2014, p.35), abrangendo vários países, como por exemplo, Moçambique, Swazilândia, Angola, Namíbia, Tanzânia, Ruanda, entre outros. Entretanto, o autor chama atenção ao fato de nesta vasta região existirem bolsas de línguas que não se enquadram neste grupo.

Do conjunto das línguas bantu, considera-se que as mais importantes são:

Zulu, Xhosa, Swati (Nguni); Makwa (Moçambique); Nyanja (Malawi); Shona (Zimbabwe); Bemba (Zâmbia); Kimbundu & Umbundu (Angola); Swahili & Sukuma (Tanzânia); Kikuyu (Quênia); Ganda (Uganda); Rwanda (Rwanda); Rindi (Burúndi); Ngala & Congo (Zaire & Congo) and Fang & Bulu (Cameroon) (CANONICI, 1991, p.3).

Como mostra a citação acima apresentada, o grupo bantu é constituído por diversas línguas, sendo que algumas delas são transfronteiriças, ou seja, são faladas em diferentes países. A título ilustrativo, o Nyanja e o Shona, para além de serem faladas em Malawi e Zimbabwe, são igualmente faladas em Moçambique.

Finalmente, a família khoisan, que, segundo Canonici (1991), é a menos expressiva das quatro, sendo falada “*pelos povos Khoi e San na África austral, especialmente na Namíbia e em pequenas bolsas no Quênia e na Tanzânia*” (CANONICI, 1991, p.3). Este autor designa esta família de línguas de cliques.

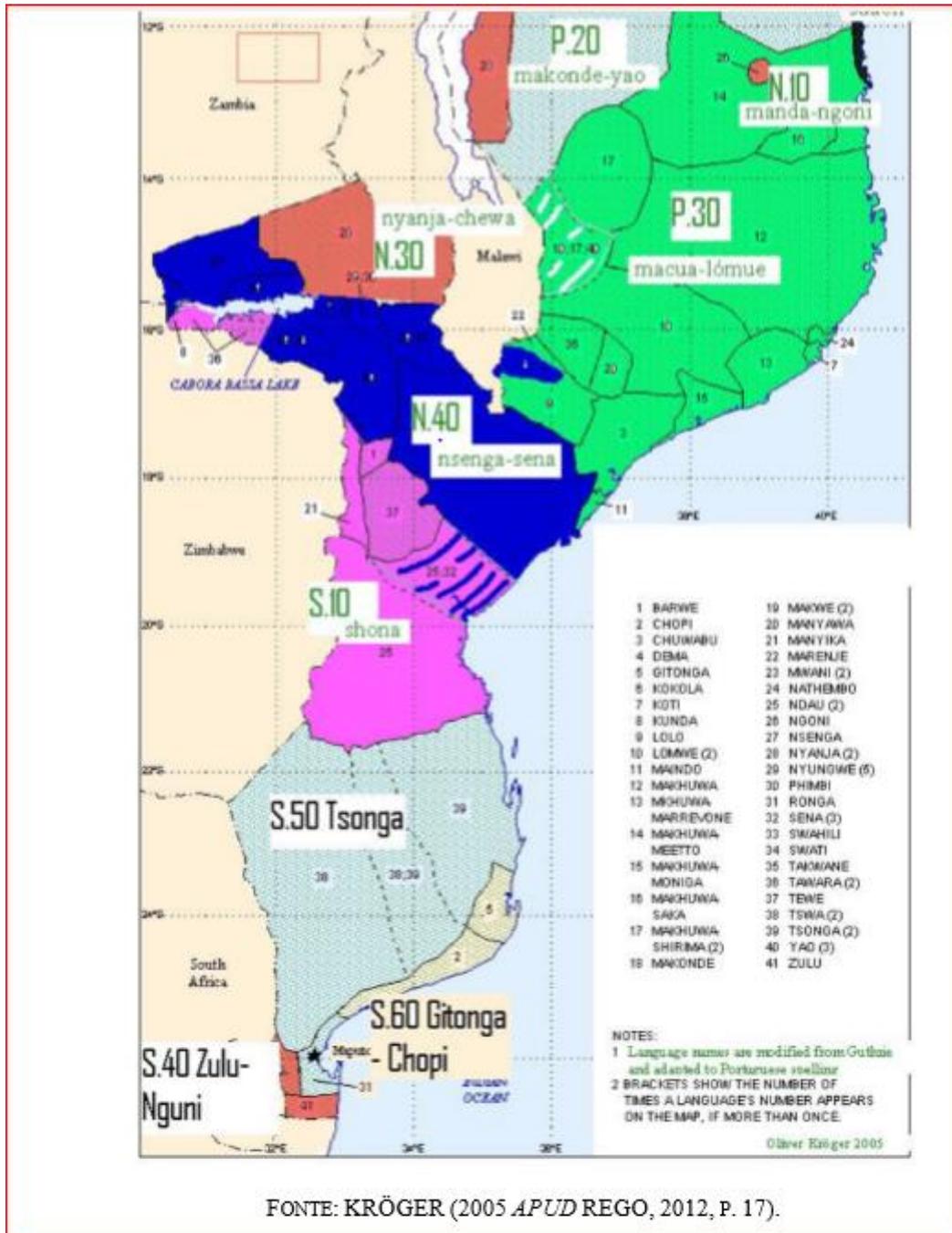
Paula & Duarte (2016) concordam com Canonici (1991) e estimam entre 20 a 30 línguas da família khoisan. Por sua vez, Kukanda (2000), recuando no tempo, avança a possibilidade de as línguas desta família terem ocupado boa parte do continente africano, antes da expansão dos povos falantes das línguas de um dos ramos da família kordofaniana (Niger-Congo). Mais adiante, este linguista considera que a língua mais falada desta família é o Nama (também conhecida por Hotetonte), falada na Namíbia, por cerca de 50.000 pessoas.

2.1 Situação linguística de Moçambique

Segundo Chimbutane (2015) e Siteo e Ngunga (2000), Moçambique é um país multilíngue. Esta caracterização resulta do fato de nele coabitarem as línguas autóctones, essencialmente do grupo bantu e algumas línguas estrangeiras resultantes dos processos de colonização portuguesa e de convívio de povos de diferentes culturas. Entre as línguas estrangeiras, está o Português, a língua oficial, o Inglês, o Árabe, Hindu, Gujarati e Urdu, (LOPES 1998, FIRMINO 2002 *apud* CHIMBUTANE, 2015). Entretanto, comparando estes dois grupos, considera-se que “*as línguas africanas do grupo bantu continuam a constituir o principal substrato linguístico de Moçambique por serem línguas maternas de mais de 80% de cidadãos de cinco anos de idade ou mais.*” (NGUNGA & BAVO, 2011, p.1).

Em Moçambique, a supremacia das línguas do grupo bantu sobre as línguas estrangeiras, em termos do número de falantes, também está refletida em Chimbutane (2015), que depois de analisar os dados do Censo Populacional de 2007, constatou que “*mais de 90% da população moçambicana fala, pelo menos, uma língua bantu e cerca de 85,3% desta população tem uma língua bantu como LI*” (CHIMBUTANE, 2015, p.38).

O mapa que a seguir apresentamos mostra, entre diferentes aspectos, as zonas linguísticas existentes em Moçambique, algumas línguas bantu faladas, bem como a sua localização geográfica:



FONTE: KRÖGER (2005 APUD REGO, 2012, P. 17).

Conforme o mapa linguístico acima apresentado, em Moçambique, as línguas bantu são faladas em todas as províncias e distribuem-se em 4 zonas linguísticas, nomeadamente, Zona G, Zona P, Zona N e Zona S. “Estas zonas são caracterizadas por haver uma maior afinidade entre as línguas da Zona G e as da Zona N do que entre as línguas da Zona P, por um lado, e as da Zona S” (REGO, 2012, p.16).

Para além do aspecto acima referenciado, o mapa em análise também revela que



nenhuma língua (bantu) é falada em todas as províncias. Portanto, as línguas bantu faladas em Moçambique confinam-se a determinadas zonas.

Sobre o número de línguas bantu faladas em Moçambique, não há consenso. “A *título ilustrativo*, Katupa (1985) aponta para a existência de 8 línguas bantu em Moçambique, ao passo que Ngunga (1992) reconhece a existência de 18 línguas bantu” (CHIMBUTANE, 2015, p.37). Para este linguista, a discrepância de números justifica-se pela falta de estudos descritivos, em que se estabelecem, com clareza, as fronteiras entre língua e variante dialetal.

2.2 A língua ronga

O Ronga é uma língua bantu pertencente ao grupo de três línguas mutuamente inteligíveis designado por Tsonga (S50)³¹, do qual também fazem parte o Xitshwa e o Changana, segundo Ngunga & Faquir (2011, p. 242). O Ronga é falado por cerca de 266.000 pessoas em Moçambique, nas províncias de Maputo e Gaza e na Cidade de Maputo. Esta língua é designada *Xirhonga* pelos seus falantes.

O Ronga possui diversas variantes. No presente trabalho, os exemplos são da variante de referência, o *Xinondrwana*, que é falado originalmente no distrito de Marracuene, região da província de Maputo, referida como *Nondrwana* pelos seus habitantes. Foi esta variante linguística que serviu de referência para a padronização da ortografia do Ronga (NGUNGA & FAQUIR, 2011, p. 242-255). Assim, detalhes de natureza ortográfica podem ser consultados neste relatório³².

O Ronga, como qualquer outra língua bantu, possui um sistema de classes nominais, em que os nomes estão organizados por classes, de acordo com a orientação semântica, prefixos nominais e marcas de concordância. Os nomes regem a concordância de todos os elementos da frase ou do sintagma com eles relacionados. Esta concordância gramatical é operada por meio de marcas de concordância, que muitas vezes são a cópia do respectivo

³¹ O Ronga tem o código S54 na classificação referencial de Guthrie (1967-1971, Vol. II, p. 63), o Xitshwa S51 e o Changana S53. O código S52 foi atribuído ao Xigwamba, falado no Transval, na África do Sul.

³² <http://www.letras.ufmg.br/laliafro/PDF/Ngunga,%20Armando%20Padronizacao%20ortografica%20-%203rd%20correcao.pdf>

prefixo nominal. Alguns nomes no singular não exibem o prefixo nominal, sendo que é pelo seu padrão de concordância que se sabe a que classe nominal pertencem.

A título de exemplo, apresentamos as seguintes classes nominais:

Classe	Prefixo	Exemlos	Glossas
1	mu-	mudondrisi	‘professor’
2	va-	vadondrisi	‘professores’
3	mu-	ntrumbula	‘mandioca’
4	mi-	mintrumbula	‘mandiocas’
5	dri-	tuva	‘pombo’
6	ma-	matuva	‘pombos’
7	xi-	xigadrana	‘garrafa’
8	svi-	svigadrana	‘garrafas’
9	yiN-	nguluve	‘porco’
10	tiN-	tinguluve	‘porcos’
11	li	lisimu	‘cantiga’
14	v(w)u-	wuhosi	‘governo’
15	ku-	kutrala	‘escrever’

Analisando as classes nominais acima apresentadas, constatamos que nesta língua:

- O prefixo *mu-*, da classe 1, que faz plural com o da classe 2, *va-*, apresenta 3 alomorfes, nomeadamente, *n’w-*, *m-* e \emptyset - (como sucede em *n’wana* ‘criança’; *nsati* ‘esposa’ e \emptyset *tatana* ‘pai’);
- O prefixo *mu-*, da classe 3, que faz plural com o da classe 4, *mi-*, também apresenta alomorfes, como por exemplo *n-* e \emptyset - (como se pode ver em *nkaxa* ‘caixão’ e \emptyset *hambano* ‘separação’);
- O prefixo *dri-*, classe 5, não ocorre na estrutura superficial, como se pode constatar em *drama*;
- Os prefixos das classes nominais 12 e 13, que tradicionalmente são usadas em algumas línguas bantu para a formação do diminutivo e do aumentativo, respectivamente, não ocorrem em Ronga.

Apresentada que foi a língua objeto do presente artigo, passamos para o conceito e funções do artigo definido, tomando como referência a língua portuguesa.

3. Aporte teórico

Em conformidade com Crystal (1997, p. 26), *artigo* é um termo usado na classificação gramatical de palavras para referir uma subclasse de determinantes que desempenham o papel primário na diferenciação de usos de nomes. Este autor acrescenta que há línguas que não têm artigo definido. De fato, Salles (1993) *apud* Dockhorn (2008, p. 91), depois de uma pesquisa comparativa de várias línguas naturais, concluiu que existem línguas em que este elemento não existe. Sobre as línguas indo-europeias, Salles (1993) *apud* Dockhorn (2008, p. 91), de 106 línguas analisadas, constatou que 26 possuem artigo definido, 31 línguas não possuem artigo definido e de 51 não há informação. Para além desses dados, o autor também verificou que de 72 línguas não indo-europeias, 21 não possuem o artigo definido; 1 possui artigo definido e não há informação sobre 50 línguas. Acreditamos que Ronga é uma das línguas naturais sem artigo definido, como será apresentado ao longo do presente estudo.

No que concerne às línguas que têm artigo, Dubois *et al* (2006, p. 72) afirmam que os artigos podem ter o traço [+definido], como *o, os*, ou o traço [-definido], como *um, uns*. A gramática tradicional os rotula de artigos definidos e artigos indefinidos, respectivamente. Adicionalmente, este autor nota que o artigo definido geralmente é omitido antes de nomes próprios.

Segundo Borregana (2007, p. 137), o artigo constitui um signo dependente que se destina a determinar e a identificar o ser expresso pelo nome ao qual se antepõe. Esta conceitualização pode ser recuperada em Cunha & Cintra (2007, p. 219) ao definirem artigo como uma palavra que se antepõe ao substantivo, indicando que se trata de um ser já conhecido ao qual já se fez menção anteriormente ou de um simples representante de uma dada espécie ao qual ainda não se fez menção anterior. Portanto, em termos puramente semânticos, o artigo pode ser definido, quando se refere a entidades específicas e identificáveis ou indefinido, quando se refere a entidades não identificáveis.

Considerando a língua portuguesa, Borregana (2007, p. 137) afirma que a função principal do artigo definido é determinar e identificar o ser expresso pelo nome. O pressuposto por detrás desta função é o de que, no geral, a informação fornecida pelos termos definidos, como por exemplo os pronomes (pessoais, demonstrativos, possessivos e relativos)



é suficiente para que o receptor/destinatário entenda o referente pretendido numa classe teoricamente infinita de referentes possíveis e virtualmente disponíveis em qualquer situação de comunicação.

Cumulativamente, Borregana (2007, p. 138) identifica outras funções do artigo definido, entre as quais, (i) a de auxiliar a identificação do gênero e número, sobretudo quando, por meio da estrutura morfológica do nome, é impossível determinar com exatidão o gênero; (ii) facilitar a distinção de substantivos homônimos e (iii) substantivar palavras que pertencem a outras classes. Os exemplos, que a seguir apresentamos, ilustram apenas a função relativa à identificação do gênero de nomes.

- (4)
- a. Os/as pianista(s) tocam bem.
 - b. O/a atleta bateu o recorde.
 - c. Hoje o/a docente se esmerou.

Como mostram os exemplos em (4), na língua portuguesa, os nomes *pianista*, *atleta* e *docente*, podem referir-se a entidades tanto do sexo masculino, quanto do sexo feminino. Na ausência de artigo, seria impossível determinar o gênero. Assim, a identidade do gênero só é possível por meio do uso de artigos, sendo que o item gramatical ‘o(s)’ se aplica ao gênero masculino e o item gramatical ‘a(s)’, ao feminino.

É ponto pacífico entre os gramáticos que a função principal do artigo definido é a individualização do sentido do substantivo. Ao usar o artigo diante do nome, o usuário da língua que tem artigo sinaliza para o seu interlocutor que aquilo de que fala, na maioria das vezes, lhe é conhecido, como podemos constatar a partir dos exemplos que a seguir apresentamos:

- (5)
- a. O carro atravessou a praça em alta velocidade.
 - b. Um carro atravessou a praça em alta velocidade.

Em (5a) nota-se claramente que o locutor pressupõe que o seu interlocutor sabe de que carro está a falar, daí o uso do artigo definido, o que não acontece em (5b) por ser informação nova para o interlocutor e poder até acontecer que o locutor também não saiba concretamente de que carro particular se trata, sabendo apenas que algum carro não específico/não definido atravessou a praça em alta velocidade.

O nome como uma palavra que designa pessoa, animal, estado, ação, etc., pode ser classificado, segundo Prado (2005, p. 67), em várias categorias, entre as quais, singular ou geral. A diferença entre estas duas categorias, segundo o autor, reside no fato de os nomes singulares serem aqueles que somente podem ser predicados verdadeiramente com o mesmo sentido de um único objeto, enquanto os gerais são aqueles que podem ser predicados verdadeiramente e com o mesmo sentido de um número indeterminado de objetos. Os primeiros são nomes próprios e os segundos, nomes comuns.

No que respeita aos nomes próprios, a referência a um único ser desempenha um papel importante na comunicação e tem implicações na sintaxe dos mesmos. Uma dessas implicações sintáticas é a presença *versus* ausência do artigo definido. A pergunta que se coloca é: “Dada a orientação semântica dos nomes próprios, será que faz sentido que estes nomes ocorram com os artigos definidos?” Da observação do uso do artigo, por exemplo no Português, temos que os antropônimos podem ocorrer sem ou com artigo definido, em determinados contextos, conforme se pode observar em (6).

- (6) a. Samora Machel foi o primeiro Presidente de Moçambique.
b. O Samora Machel, xará do Presidente, é meu colega de turma.

Os exemplos apresentados em (6) ilustram a omissão e a ocorrência de artigo definido em antropônimos. Como podemos observar, em (6a) verifica-se a omissão do artigo definido, enquanto em (6b) o antropônimo Samora Machel ocorre com o artigo definido “o”. Em termos de interpretação semântica, assume-se que em (6b) existe uma certa aproximação entre o sujeito falante e Samora Machel. Svobodová (2011) ao analisar os valores estilísticos do artigo definido ou nulo em antropônimos, chamou ao caso em apreço, de valor estilístico aderente, aquele que “*consiste na adesão de um significado estilístico secundário ao próprio significado lexical, ganhando um matiz expressivo-emotivo adequado muitas vezes apenas ao registo oral/informal*” (SVOBODOVÁ, 2011, p. 158). Para este, a explicação da omissão *vs* ocorrência do artigo definido está relacionado com o tipo de registo discursivo, entre oral/escrito e formal/informal “*variação diafásica*”. Assim, contrariamente ao exemplo (6a), onde o registo é escrito e formal, em (6b) o registo é oral e informal. Ou seja, o artigo definido neste último exemplo é reflexo de menor distanciamento e de maior intimidade. Resumindo, o autor conclui que “... o nome junto com o apelido pode ou não ser

acompanhado pelo artigo, sendo que é o grau de formalidade o factor decisivo no seu uso.” (SVOBODOVÁ, 2011, p. 162)

Acabamos de ver que em muitas línguas naturais, o uso do artigo definido é um dos mecanismos adotados para a exprimir definitude. Antes de nos debruçarmos sobre a expressão de definitude em Ronga, importa recordar aqui que o artigo é uma palavra que se antepõe ao substantivo, indicando que se trata de um ser já conhecido ao qual já se fez menção anteriormente ou de um simples representante de uma dada espécie ao qual ainda não se fez menção anterior. Segundo Lyons (1999) *apud* Miranda (2013, p. 60), entende-se que a definitude está diretamente ligada às noções de familiaridade e de identificabilidade. Note-se que, entre linguistas, estes dois últimos conceitos não reúnem consensos. Para o autor, a diferença entre um SN indefinido e um SN definido reside no fato de que, no primeiro, somente o falante está ciente do que é referido, enquanto, no segundo, essa consciência é compartilhada pelos interlocutores. Assim, conclui o autor, “*o artigo definido assinalaria que a entidade é “familiar”, enquanto o indefinido seria usado quando o falante não tivesse a intenção de compartilhar essa familiaridade.*” (SILVA, 2013, p. 60).

Relacionando os conceitos de familiaridade e de identificabilidade com o de definitude, o autor observa que alguns linguistas consideram que o que está ligado à definitude é somente o de familiaridade. Contrariamente, outros entedem que esta noção esta diretamente implicada na identificabilidade. Lyons (1999) *apud* Silva (2013), por exemplo, argumenta que para a distinção entre definido e indefinido, a noção de familiaridade é problemática. Para o autor, constituem exemplos, os usos associativos, situacionais, entre outros.

Resumindo, “*a definitude é caracterizada como um conjunto de três propriedades, designadamente: (i) os definidos não estão sujeitos a regra de interpretação de Indexação de Operador; (ii) os definidos não estão sujeitos a codificação de Novidade e (iii) os definidos pressupõem o seu conteúdo descritivo.*” (Heim (1982) *apud* (SILVA, 2013 p. 58).

Não podemos fechar esta seção sem fazer notar que, na língua portuguesa, há outros mecanismos para a expressão da definitude, para além do artigo definido, mas como o nosso trabalho discute o artigo definido, é sobre este que concentramos a nossa atenção.



c. *Tihomu* *ti-buy-ile* ‘Os bois voltaram.’
10.bois 10.MS-voltal PAS

d. *Yindlu* *yi-w-ile.* ‘A casa ruiu.’
9.casa9.MS-cair PAS

Com este exercício, pretendemos averiguar se a ausência desta partícula exerce alguma influência no significado.

Comparando os exemplos (7) e (8), a conclusão a que se pode chegar é a de que a omissão da partícula *a-* não altera o sentido das frases. Assim, a partícula *a-* parece não ser artigo definido, e muito menos ser algo empregue para o estabelecimento da oposição dos traços [+definido/-definido].

Importa aqui destacar que a ausência do artigo definido, nos termos da Gramática Tradicional, não implica que a língua ronga não codifique a definitude em sua gramática. Então, a questão que se coloca é: “Quais são os mecanismos de expressão de definitude em Ronga?”. Não podendo esgotar assunto tão complexo, passamos a discutir alguns dos dispositivos gramaticais que os falantes de Ronga utilizam para codificar a definitude.

4.1 O emprego de demonstrativos

Segundo Cunha & Cintra (2008), os pronomes demonstrativos constituem uma classe de pronomes que situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais, no tempo e no espaço. Para estas autoras, esta classe de pronomes possui fundamentalmente duas funções: (i) a dêitica, capacidade de mostrar um ser sem nomeá-lo e (ii) anafórica, quando apenas faz lembrar ou traz à memória.

Em Ronga, como em outras línguas bantu, os demonstrativos são formados através de um processo morfo-fonológico complexo. Têm como elemento fundamental o radical

demonstrativo invariável **-I-** que é o núcleo que vai receber a marca de concordância do nome a que o demonstrativo se refere. Esta marca de concordância é seguida de um seletor demonstrativo. O seletor 1 (- \emptyset) indica que a entidade apontada está perto do locutor ou do interlocutor. O seletor 2 (-o) indica que a entidade está longe do locutor e perto do interlocutor e o seletor 3 (-ya) indica que a entidade está longe do locutor e do interlocutor.

Disto infere-se que, nesta língua, morfologicamente, os pronomes demonstrativos integram a marca de concordância do nome designativo da entidade, sendo que esta pode estar junto do locutor (ou do locutor e do interlocutor), longe do locutor e junto do interlocutor e longe do locutor e do interlocutor.

Neste trabalho não vamos apresentar todo o paradigma de funcionamento dos demonstrativos da língua em estudo. Contudo, a título ilustrativo, apresentamos as formas que o demonstrativo assume para se referir às três posições acima referidas, tomando como referência, o nome *xitrhamu* ‘cadeira’, da classe 7 (*xi*):

- (9)
- | | | | |
|----|------------------|---------------|--------------------------------------|
| a. | <i>xitrhamu</i> | <i>lexi</i> | (< I-xi- \emptyset) |
| | 7.cadeira | 7.esta | DEM-7.MC-Selector.1 (- \emptyset) |
| | ‘estacadeira’ | | |
| b. | <i>xitrhamu</i> | <i>lexo</i> | (< I-xi-o) |
| | 7.cadeira | 7.essa | DEM-7.MC-Selector.2 (-o) |
| | ‘essa cadeira’ | | |
| c. | <i>xitrhamu</i> | <i>lexiya</i> | (< I-xi-ya) |
| | 7.cadeira | 7.aquela | DEM.MC-Selector.3 (-ya) |
| | ‘aquela cadeira’ | | |

Em (9a), *lexi* indica a cadeira que está próxima do interlocutor; em (9b), *lexo* indica a que está perto do interlocutor e em (9c) *lexiya* indica a cadeira que está longe do locutor e do interlocutor. Como podemos observar, quando o referente está próximo do locutor, emprega-se o seletor 1 (- \emptyset); quando está próximo do interlocutor, o seletor 2 (-o) e quando está longe dos interlocutores, o seletor 3 (-ya).

Conforme referimos, na língua ronga, o uso de demonstrativo constitui um dos mecanismos que os falantes adotam para a expressão da definitude. Analisemos as seguintes frases:

- (10) a. *Xipixi* *lexi* *xi-hlot-a* *ngopfu* *makhondlo*.



7.gato 7.este 7.MS-caçar-VF muito 6.ratos

‘Este gato caça muitos ratos.’

b. *Wansati* *lwiya* *a-khanel-a* *ngopfu*.

1.mulher 1.aquela 1.MS-falar-VF muito

‘Aquela mulher fala muito.’

c. *Nyama* *leyo* *yi-bol-ile*.

9.carne 9.essa 9.MS-apodrecer-PAS

‘Essa carne está deteriorada.’

Os exemplos acima apresentados ilustram o processo de expressão da definitude por meio do uso de pronomes demonstrativos. Como podemos observar, os pronomes demonstrativos *lexi* ‘este/esta’, em (10a); *lwiya* ‘aquele/a’, em (10b) e *leyo* ‘esse/a’, em (10c), fazem parte do SN-sujeito. Neste contexto, estes pronomes têm a função de caracterizar os núcleos do SN, permitindo assim a sua singularização. Isto faz com que, numa comunicação, o interlocutor consiga identificar o referente.

O uso de demonstrativos como elementos operadores da definitude não é um aspecto exclusivo da língua ronga. De fato, Lyons (1999) *apud* (Silva, 2013, p. 62) considera que em várias línguas naturais é possível referir se a algo previamente mencionado no discurso, utilizando um demonstrativo. No entanto, o autor observa que, em determinados contextos, pode não estar claro se um determinante especializado em uso anafórico é artigo ou determinante demonstrativo.

A língua ronga se serve destes dêiticos (demonstrativos) para estabelecer a oposição [+definido/-definido]:

(11) a. *Ni-xav-i*³³ *movha* *wa* *ntlhohe*.

1.MS-comprar-PAS 3.carro 3.POSS 3.cor branca

‘Comprei um carro branco.’

³³ O morfema *-i* é a forma abreviada do morfema do passado *-ile*. Mais abaixo iremos descrever as restrições do seu uso.



b. *Ni-xav-i* *movha* *lowu* *wa* *ntlhohe*.

1.MS-comprar-PAS 3.carro 3.este 3.POSS 3.cor branca

‘Comprei o carro branco.’

(12) a. *Wanuna* *a-lot-i* *xikomu*.

1.homem 1.MS-afiar-PAS7.enxada

‘Um homem afiou a/uma enxada.’

b. *Lweyi* *wanuna a-lot-i* *xikomu*.

1.este 1.homem 1.MS-afiar-PAS7.enxada

‘O homem afiou uma enxada.’

(13) a. *Manganyela a-trham-a ka yindlu yikulu*.

1.Manganyela 1.MS-viver-VF 9.casa 9.grande

‘O Manganhela vive numa casa grande.’

b. *Manganyela a-trham-a ka yindlu leyi yikulu*.

1.Manganyela 1.MS-viver-VF na 9.casa 9.este 9.grande

‘O Manganhela vive na casa grande.’

Para o falante de Ronga, as frases de (11a, 12a, 13a) acima contêm SNs indeterminados ([–definidos]), nomeadamente *movha* ‘carro’ (11a), *wanuna* ‘homem’ e *yindlu* ‘casa’ (12a) e *yindlu* ‘casa’ (13a). Em contrapartida, pela força do uso dos demonstrativos nas frases de (11b, 12b, 13b), esses sintagmas nominais recebem a interpretação [+definido], isto é, devido ao uso de elementos dêiticos.

4.2 O emprego de clíticos



Chama-se clítico aos pronomes átonos, como por, exemplo, *me, te, se, o, a, lhe*, etc. Em Ronga são cópias das marcas de concordância dos nomes que representam. Antecedem imediatamente o verbo.

(14) a. *Ndimandhe a-xav-i yindlu.*

1.Ndimandhe 1.MS-comprar-PAS 9.casa

‘Dimande comprou uma casa.’

b. *A-yi-xav-i doropeni.*

1.MS-9.MO-comprar-VF cidade.LOC

‘Comprou-a na cidade.’

(15) a. *A-vatrongwana va-rhandr-a svidonsana.*

PE.1.crianças 2MS.gostar-VF 8.doces

‘As crianças adoram doces.’

b. *Va-svi-rhandr-a svinene.*

2.MS-9.MO-adorar-VF ADV.bastante

‘Adoram-nos bastante.’

(16) *Hi-dlay-i ximbutana hi-xi-xindl-a anrthutini.*

1.MS-matar-VF7.cabritinho 1.MS-MO-esfolar-VF sombra.LOC

‘Matamos um cabrito e esfolamo-lo à sombra’.

Os dados acima apresentados ilustram a marcação da definitude através de clíticos. Como podemos observar, tanto em (14b), quanto em (15b) e (16), os clíticos *yi-*, *svi-* e *xi-* constituem marcas de objetos *yindlu* ‘casa’, *svidonsana* ‘doces’ e *ximbutana* ‘cabritinho’

(classes 9, 8 e 7), respectivamente. A marcação da definitude através dessas marcas explica-se pelo fato de sinalizarem uma informação já compartilhada entre os interlocutores da comunicação, como se pode constatar, nas frases dos enunciados em (14a, 15a, 16).

Em (16), para além de mais uma vez mostrarmos a marcação da definitude através de clíticos, o exemplo sugere que o objeto *ximbutana* ‘cabritinho’ pode coocorrer com a sua respectiva MO *xi-* (classe 7), como sustentam os exemplos em (17).

- (17) a. *Ndimandhe a-yi-xav-ile yindlu doropeni*
 1.Ndimandhe 1.MS-9.MO-comprar-PAS 9.casa na cidade
 ‘Dimande comprou(-a) a casa na cidade.’
- b. *Lava vatrongwana va-svi-rhandr-a sivinene svidonsana.*
 2.estes 2.crianças 2.MS-8.MO-gostar-VF bastante 8.doces
 ‘As crianças adoram bastante (os) doces.’

Em (17a) a MO *yi-* coocorre com o respectivo objeto *yindlu* ‘casa’ e em (17b), também a MO *svi-* coocorre com o objecto *svidonsana* ‘doces’. Note-se que, se na frase em (17a) acima, recuperada de (15a), se pretendesse que os dois nomes tivessem traço [+definido], a frase assumiria a forma apresentada em (17b), onde se explora o emprego do demonstrativo para o SN-Sujeito e a marca de concordância (clítico) do SN-Objeto imediatamente à esquerda do verbo, como também se pode constatar em (18).

- (18) a. *Wanuna a-lot-i xikomu.*
 1.homem 1.MS-afiar-PAS7.enxada
 ‘O/um homem afiou a/uma enxada.’
- b. *Lwe-yi wanuna a-xi-lot-ile xikomu.*
 1.este 1.homem 1.MS-MO-afiar-PAS 7.enxada

‘O homem afiou a enxada.’

c. <u>Lweyi</u>	<i>wanuna</i>	<i>a-xi-lot-ile</i>	<i>xikomu</i>	<i>lexi.</i>
1.este	1.homem	1.MS-MO-afiar-PAS	7.enxada	7.esta

‘O homem afiou a enxada.’

Tanto em (18b) quanto em (18c) *-xi-* é MO de *xikomu* ‘enxada’, sendo que neste último exemplo, para além deste, também apresentamos o dêitico *lexi* ‘esta’.

Ainda sobre os exemplos acima apresentados, *aloti* ‘afiou’, em (18a) é a forma abreviada de *alotile* ‘afiou’. Neste contexto, a marca de passado *-ile*, em *alotile*, é simplesmente reduzida a *-i*. A ocorrência desta forma abreviada parece estar relacionada com a economia linguística, em que o falante recorre à forma reduzida para rapidamente transmitir a mensagem. Note-se que esta forma abreviada, apesar de não bloquear a ocorrência da MO, não aceita que esta coocorra com o respectivo objeto, conforme mostram os exemplos em (19, 20).

(19) a. <i>Wanuna</i>	<i>a-lot-i</i>	<i>xikomu</i>	<i>tolo.</i>
1.homem	1.MS-afiar-VF	7.enxada	ontem

‘O/um homem afiou a/uma enxada ontem.’

b. **Wanuna axiloti xikomu tolo.*

c. **Wanuna axiloti xikomu.*

d. <i>Wanuna</i>	<i>a-xi-lot-i</i>	<i>tolo.</i>
1.homem	1.MS-MO-afiar-VF	ontem

‘O/um homem afiou-a ontem.’

e. <i>Wanuna</i>	<i>a-xi-lot-ile</i>	<i>xikomu tolo</i>
1.homem	1.MS-MO-afiar-PAS	7.enxada ontem



‘O/um homem afiou-a ontem.’

(20) a. *Ni-yingel-i* *ɔmpfumawulu* *wu-kulu* *wɑ* *svibalesa*.

1.Eu-ouvir-PAS 3.rumor 3.MS-grande de 8.armas

‘Ouvi o/um grande rumor de armas.’

b. *Ni-wu-yingel-ile* *ɔmpfumawulu* *wu-kulu* *wɑ* *svibalesa*.

1.Eu-MO-ouvir-PAS 3.rumor 3.MS-grande de 8.armas

‘Ouvi o grande rumor de armas.’

Em (19b) constata-se que a incorporação da MO *xi-*, destacado, exclui a ocorrência do respectivo objeto *xikomū* ‘enxada’, ainda que seja acompanhado de advérbio de tempo *tolo* ‘ontem’. De fato, em (19c) confirma-se a hipótese de que o bloqueio do objecto é motivado pela inserção da MO, dado a frase é agramatical. Contrariamente, em (19d), onde ocorre apenas o advérbio de tempo, a frase deixa de ser agramatical. (Se ocorresse um demonstrativo ou um pronome absoluto, a frase também deixaria de ser agramatical.) Finalmente, em (19e) onde acontece o uso da marca (canônica) de tempo *-ile*, verifica-se a coocorrência do clítico *xi-* (MO) e do respectivo objeto.

Em (20), apresentamos apenas, em (20a), a forma apreviada *-i-* e posteriormente, em (20b), a incorporação da MO e o próprio objecto *ɔmpfumawulu* ‘rumor’, possibilitado pelo uso da forma canônica de marca de tempo passado *-ile*.

Em frases como as apresentadas em (13) e (16), o clítico tem estatuto de concordância, pois é cópia dos traços de pessoa, número e classe do NP objeto. Este aspecto sugere, sem dúvida, que, de fato, este elemento expressa a definitude. Aliás, Ngunga, Duarte & Camargos (2016), depois de analisarem diversos dados, concluíram que:

The data show that definiteness and specificity play a major role in regulating the occurrence of DOM³⁴ in Rhonga and Changana simple transitive constructions. Moreover, the Rhonga and Changana data further support certain theoretical assumptions within the generative literature, according to which agreed-with objects are usually interpreted as definite, whereas unagreed-with objects are interpreted as indefinite. (NGUNGA, DUARTE & CAMARGOS, 2016. p.344)

³⁴ *Differential object marking.*



Do excerto acima apresentado, infere-se que a marca de objeto, de fato, constitui um mecenismo de marcação de definitude, dado que expressa uma informação já conhecida pelos interlocutores da comunicação. Para tal, esta marca não é selecionada aleatoriamente. Ela concorda com o respectivo objeto, em gênero e número.

Nesta seção acabamos de analisar a marcação da definitude através do emprego dos clíticos. Não sendo a última estratégia, na subseção que se segue, mostramos como é que os pronomes absolutos também são usados para a expressão desta categoria semântica.

4.3 O emprego de pronomes absolutos

Os pronomes pessoais absolutos substituem um SN (ou um nome). Mas geralmente são redundantes, servindo mais apenas para dar ênfase do que para marcar o sujeito ou o objecto na frase. Em Ronga, os pronomes absolutos das classes 3 a 21 são formados por uma partícula referencial que exhibe parte da MC do nome com que estão relacionados e pela partícula estabilizadora *-ne*. Eis alguns exemplos:

(21) a. *Drone* *dri-ta-buy-a.* (coisa da classe 5 (*dri*), p.e. *boti* ‘barco’)
5.ele 5.MS(boti)-FUT-voltar-VF
‘Ele voltará.’

b. *Xone xi-tlhas-ile* (coisa da classe 7 (*xi*), p.e. *xitimela* ‘comboio’)
7.ele 7.MS(xitimela)-chegar-PAS
. ‘Ele chegou.’

c. *Tone* *ti-d-a* *bzanyi.* (coisas da classe *ti*, p.e. *tihomu* ‘bois’)
10.eles 10.MS(tihomu)-comer-VF 5.capim
‘Eles comem capim.’

Os pronomes absolutos das 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular (classe 1) são *mine*, *wene*, *yene* (eu, tu, ele) e os das 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural (classe 2) são *hine*, *n’wine*, *vone* (nós, vós, eles).

(22) a. *Mine* *a-ni-xavang-a* *xikomu.*
1.Eu 1.MS-Neg-Comprar-VF 7.enxada



‘Eu não comprei (a) enxada.’

b. *Yene* *a-trham-a* *kule* *ni* *xipiritana*.
 1.ele 1.MS-morar-VFlonge ASS 7.hospital
 ...‘Ele/Ela mora longe do hospital.’

(23) a. *Vone* *va-ta-th-a* *makarita*;
 2.eles 2.MS-FUT-jogar-VF 6.cartas
 ‘Eles/Elas vão jogar cartas’

b. N’wine *mi-ta-bel-a* *bola*
 1.vocês 1.MS-FUT-jogar-VF 5.bola
 ‘Vocês vão jogar futebol.’

Os falantes de Ronga fazem coocorrer o pronome absoluto e o nome a que se referem para marcar ênfase (22a,b), ou para expressar definitude (23a,b), de acordo com os ditames da sua interação discursiva.

(24) a. *Kufamba, hi-ta-famb-a* / *Kufamba* *hine* *hi-ta-amb-a*.
 15.ir 1.MS-FUT-ir-VF 15.ir 1.nós 1.MS-FUT-ir-VF
 ‘Ir, iremos. / Ir, nós iremos.’

b. *Dri-tlhas-ile.* / *Dri-tlhas-ile* *drone*.
 5.MS-chegar-PAS 5.MS-chegar-PAS 5.ele/ela
 ‘Chegou. / Chegou, ele/ela.’ (coisa da classe 5 (*dri*)).

(25) a. *Xikomū* *xi-w-ile.* / *Xone* *xikomū* *xi-w-ile*.
 7.enxada 7.MS-cair-PAS / 7.(ela) 7.enxada 7.MS-cair-PAS
 ‘A/Uma enxada caiu. / A enxada caiu.’

b. *Pangwana a-jul-a bucha.* / *Pangwana a-jul-a drone bucha*.
 1.Pangwana 1.MS-querer-VF 5.catana / 1.Pangwana 1.MS-querer-VF 5.ele/ela 5.catana
 ‘Pangwana quer a/uma catana. / Pangwana quer a catana.’

c. *Wanuna a-lot-i xikomū.* / *Yene wanuna a-lot-i xone xikomū*.
 1.homem 1.MS-afiar-PAS 7.enxada / 1.ele 1.homem 1.MS-afiar.PAS 7.ele/ela 7.enxada
 ‘O/um homem afiou a/uma enxada. / O homem afiou a enxada.’

Devido às características particulares dos nomes próprios, vamos observar o seu comportamento no tangente ao seu possível uso com os pronomes absolutos. Geralmente, nas línguas que têm artigo definido, os nomes próprios (antropônimos) não levam artigo devido ao seu carácter inerentemente definido que permite que o interlocutor descodifique o referente (salvo em alguns contextos) como se pode observar em (24b, 25b). Em Ronga, empregam-se (também) os pronomes absolutos para a expressão de definitude. É por força desta particularidade que nesta língua os antropônimos podem coocorrer com o pronome absoluto para se lhe reforçar definitude, como se vê em (26).

(26) a. *Pangwana a-jul-a bucha.* / *Yene Pangwana a-jul-a bucha*.



1.Pangwana 1.MS-querer-VF 5.catana / 1.ele 1.Pangwana 1.MS-querer-VF 5.catana
'Pangwana quer a/uma catana. / O Pangwana quer a/uma catana.'

b. *Dokodela a-kamb-a Pangwana. / Dokodela a-kamb-a yene Pangwana.*

1.médico 1.MS-examinar-VF 1.Pangwana / 1.médico 1.MS-examinar-VF 1.ele 1.Pangwana
'O/um médico examina Pangwana. / O/um médico examina o Pangwana.'

Os falantes de Ronga também expressam definitude com o emprego do pronome absoluto das classes locativas *kone*, precedido da partícula genitiva. Esta partícula exhibe a marca de concordância do nome com ela relacionado.

(27) a. *Bila a-famb-i ni xin'wanana.*
1.Bila 1.MS-ir PAS ASS 7.criança
'Bila foi com a/uma criança.'

b. *Bila afamb-i ni xin'wanana xa-kone.*
1.Bila 1. MS-ir-VF ASS 7.criança 7.POS-17.ele/ela
Bila foi com a tal criança.

c. *Bila wa-kone hi yelweyi?*
1.Bila 1.POSS-17.ele é 1.este
'Este é que é o Bila? / Este é o tal Bila?'

(28) a. *Xikoxana xi-tlhas-i ni tihunyi.*
7.velhote 7.chegar-VF ASS 10.lenha
'O/um velhote chegou com lenha.'

b. *Xikoxana xa-kone xi-tlhas-i ni tihunyi ta-kone.*
7.velhote 7.POS-17.ele 7.MS-chegar-PAS ASS 10.lenha 10.17.ele
'O velhote chegou com a (tal) lenha.'

Nesta seção acabamos de descrever e analisar os mecanismos de expressão de definitude na língua em estudo. Na próxima seção passamos a discutir a partícula eufônica *a-*, muitas vezes tida como artigo definido por alguns autores.

5. Sobre a partícula eufônica *a-*

Até esta parte do presente artigo, nenhum dos mecanismos empregues para a expressão da definitude se assemelha ao artigo definido, em termos morfo-sintáticos. Vamos iniciar a discussão da partícula ronga *a-* pela observação dos enunciados que se seguem.

(29) a. *Mudondrisi a-lahl-ile svikambelo.*
1.professor 1.MS-perder-PAS 8.provas'
'O/um professor perdeu as provas.'



- b. *A-mudondrisi* *a-lahl-ile* *svikambelo.*
PE-1.professor 1.MS-perder-PAS 8.provas’
‘O/um professor perdeu as provas’
- (30) a. *Xifenyó* *xi-nyamalal-ile.*
7.pente 7.MS-desaparecer-PAS
‘O/um pente desapareceu’
- b. *A-xifenyó* *xi-nyamalal-ile.*
PE-7.pente 7.MS-desaparecer-PAS
‘O/um pente desapareceu’
- (31) a. *Tihomu* *ti-f-ile* *tolo.*
10.bois 10.MS-morrer-PAS ontem
‘Os/uns bois morreram ontem’
- b. *A-tihomu* *ti-f-ile* *tolo.*
PE-10.bois 10.MS-morrer-PAS ontem
‘Os/uns bois morreram ontem.’
- (32) a. *Moyawu-wis-ile* *nsinya.*
3.vento 3.MS-cair ExApli PAS 3.árvore
‘O vento derrubou a árvore’
- b. *A-moya* *wu-wis-ile* *nsinya.*
PE-3.vento 3.MS-cair ExApli PAS 3.árvore
‘O vento derrubou a árvore.’
- (33) a. *Kusveka* *sva-karhat-a.*
15.cozinhar 8.MC-ser difícil-VF
‘Cozinhar é difícil.’
- b. *A-kusveka* *sva-karhat-a.*
PE-15.cozinhar 8.MS-ser difícil-VF
‘Cozinhar é difícil.’

Nos exemplos (29-33) analisamos a influência da partícula eufônica *a-* no sentido da frase. Para o efeito, na alínea a) de cada um destes exemplos, o núcleo do SN-sujeito, *mudondrisi* (classe 1, *mu-*) ‘professor’, em (29); *xifenyó* (classe 7, *xi-*) ‘pente’, em (30); *tihomu* (classe 10, *ti-*) ‘bois’, em (31); *moya* (classe 5, *mu-*) ‘vento’, em (32) e *kusveka* (classe 15, *ku-*) ‘cozinhar’, em (33) ocorre sem esta partícula e nas alíneas b) dos mesmos exemplos ocorre com esta partícula. Com este exercício, pretendíamos averiguar se a inclusão desta partícula implicará a mudança de sentido da frase e constatamos que a presença ou ausência da partícula eufônica *a-* não influencia o sentido da frase nem afecta a oposição [+definido/-definido].



Sendo assim, a pergunta que estes e outros enunciados suscitam seria: “Como saber, por exemplo em (29), se o locutor está a falar de um referente ‘professor’ conhecido ou desconhecido pelo interlocutor?” Analisando os exemplos, a conclusão que se pode avançar é a de que, na ausência de um elemento linguístico que expresse a definitude, a descodificação do referente é assegurada pelo contexto, como mostram os exemplos (34, 35).

- (34) a. *A-nguluve* *yi-f-ile.* ‘O/um porco morreu.
PE-9.porco 9.MS-morrer PAS
- b. *A-nguluve* *yini?* ‘Qual porco?’
PE-9.porco 9.qual
- c. *A-nguluve* *leyi ni-yi-xav-iki* *tolo.*
PE-9.porco 9.este 1MC-9.MO-comprar-REL Adv.ontem
‘O porco que comprei ontem.’
- (35) a. *A-xipixi* *xi-nyamalal-ile.* ‘O/um gato desapareceu.’
PE-7.gato 7.MC-desaparecer PAS
- b. *A-xipixi* *xini xa-kone?* ‘Qual gato?’
PE-7.gato 7.qual 7.POSS-ele
- c. *Lexi* *u-ni-nyik-iki* *tolo.* ‘O que me deste ontem.’
7.este 2.MC-1.MO-dar.REL Adv.ontem

Tanto em (34) quanto em (35), a inclusão da partícula *a-*, nas alíneas a), não permite a identificação de *nguluve* ‘porco’, em (34a) e de *xipixi* ‘gato’, em (35a), o que justifica as perguntas em (34b) e em (35b). Portanto, numa situação similar de comunicação, a formulação dessas perguntas visa exclusivamente permitir a identificação dos sujeitos objectos de comunicação. Para o caso em análise, a identificação dos sujeitos de comunicação é garantida através das respostas em (34c) e em (35c) onde a construção relativa confere definitude aos SNs envolvidos. Resumindo, os dados em análise levam-nos a crer que esta partícula do Ronga não corresponde ao artigo (definido) do Português.

Nas línguas em que existe artigo, este flexiona-se em gênero e número, de modo a concordar com o núcleo do SN. A ser artigo definido, esta partícula *a-* que aparece no início de nomes de classes diferentes, como acabamos de observar nos exemplos acima, deveria exibir a marca de concordância do nome ao qual está associado. Este não é o caso e isto é



mais um indício de que esta partícula ronga não é artigo definido. Adicionalmente, em Português, a título de exemplo, os advérbios de tempo não levam artigo. Em Ronga, estas palavras ocorrem com a partícula *a-*, como podemos observar em (36a',b',c'). Este fato também constitui evidência de que esta partícula não é um artigo definido.

- (36) a. *Tolo* *hi-d-i* *nyama.*
Adv.ontem 3.MC-comer-PAS 9.carne
'Ontem comemos carne'
- a'. *A-tolo* *hi-d-i* *nyama*
PE-Adv.ontem 3.MS-comer-PASS 9.carne
'Ontem comemos carne.'
- b. *Khale* *afa* *hi-nga-famb-i* *hi* *movha.*
Adv.antigamente IMP 3.MS-Neg-andar-VF de 3.carro
'Antigamente não andávamos de carro.'
- b'. *A-khale* *afa* *hi-nga-famb-i* *hi* *movha.*
PE-Adv.antigamente IMP 3.MS-Neg-andar-VF de 3.carro
'Antigamente não andávamos de carro.'
- c. *Mundruku* *Pangwana* *a-ta-xav-a* *tihomu.*
1.Adv.amanhã 1.Pangwana 1.MC-FUT-comprar-VF10.gado
'Amanhã Pangwana vai comprar gado.'
- c'. *A-mundruku Pangwana* *a-ta-xav-a* *tihomu.*
PE-1.Adv.amanhã 1.Pangwana 1.MS-FUT-comprar-VF 10.gado
'Amanhã Pangwana vai comprar gado.'

Em Português, os nomes próprios podem ou não vir com o artigo, como já foi mencionado neste trabalho (cf. (37b, 38b, 39b)). Em Ronga, a partícula eufônica *a-* nunca ocorre com nomes próprios:

- (37) a. *Machele* *a-fum-ile* *tiku* *hi* *lirhandru.*
1.Machel 1.MC-governar-PAS 10.país com 10.amor
'(O) Machel governou o país com amor.'
- b. **AMachele afumile tiku hi lirhandru.*
- (38) a. *Mandela* *a-v-i* *nhenha* *yikulu* *ya* *Afrika.*
1.Mandela 1MC.ser-PAS 9.herói 9MC.grande de 1.África
'Mandela foi um grande herói de África.'
- b. **AMandela avi nhenha yikulu ya Afrika.*
- (39) a. *Mukhavele* *a-nga-d-i* *tinhlampfi.*
1.Mukhavele 1.MC-Neg-comer-VF 10.peixe
'Mukhavele não come peixe.'

b. **AMukhavele angadi tinhlampfi.*

Nos exemplos (37-39), os núcleo do SN-sujeito são os antropônimos *Machele*; *Mandela* e *Mukhavele*. Como podemos constatar, esses exemplos sugerem que a partícula eufônica *a-* não ocorre com os antropônimos, visto que quando se lhes é colocado, as frases em que ocorre se tornam agramaticais.

Julgamos ter reunido material suficiente para provar que o prefixo *a-* não corresponde ao artigo definido da língua portuguesa. Curiosamente, a falta de consenso sobre este assunto não se verifica apenas entre diferentes estudiosos. A indecisão pode até ser notada numa mesma obra de um autor, como se pode constatar neste incidente curioso: Nogueira (1960, p. 619) afirma que Junod (1898, § 200-207) diz que em Ronga não há artigos, mas este critério não parece aceitável a ele (Nogueira): “...as formas dos adjetivos demonstrativos tanto se podem traduzir por este, esta, etc., como por o, a, os, as. Essas formas, portanto, são os verdadeiros artigos em Ronga.” (NOGUEIRA, 1960, p. 619). Mas o mesmo autor contradiz-se ao afirmar que, de acordo com Junod, alguns autores vêm na partícula (ou prefixo) eufônica *a-* o artigo definido mas que ele (Junod) reage contra esta opinião afirmando não se tratar de artigo definido. Aqui nos convém citar Nogueira: “Considero absolutamente judicioso o critério de Junod quanto a ser uma simples partícula eufônica o elemento *a-*, que a cada passo o Ronga emprega na sua linguagem.” (Nogueira, 1960, p. 1).

Pelos fatos analisados nesta seção, somos levados a concordar plenamente com Nogueira (1960, p.1) ao alinhar-se com Junod e afirmar que este *a-* é uma pura vogal eufônica, pronunciada no início de uma frase, ou depois de uma pausa, sem lhe alterar o sentido. Este autor, citando Junod, acrescenta ainda que certos indivíduos introduzem mais frequentemente que outros esta partícula nos seus discursos.

Uma incursão no nível da literatura linguística das línguas bantu revela que a ausência de artigos não é um aspecto exclusivo da língua ronga. Outras línguas do mesmo grupo também registram o mesmo fenômeno. Taljaard (1998), por exemplo, ao examinar esta temática na língua isiZulu, concluiu que “the isiZulu noun has no special form to distinguish between the articles “the” and “a” in English. Consequently, *umfana* can be “a boy” or “the boy” (TALJAARD, 1998, 31).



6. Considerações finais

No presente artigo analisamos o processo linguístico de expressão de definitude na língua ronga, com o objectivo de encontrar respostas para a pergunta “*Haverá artigo definido em Ronga?*”. Para o efeito, averiguamos se realmente a partícula eufônica *a-* seria na verdade o artigo definido. Identificamos as estratégias de *definitização* que os usuários desta língua adotam. Como dissemos, os dados que deram base à pesquisa foram obtidos através de um questionário estruturado, submetido aos falantes nativos de *Xinondrwana*, a variante de referência da língua ronga.

Resumidamente, a análise dos dados sugere que a partícula eufônica *a-* não constitui artigo definido. Esta constatação deriva do fato de a sua presença *vs* ausência não afetar o sentido da frase. De fato, tanto em *Mudondrisi alahlile svikambelo*. quanto em *Amudondrisi alahlile svikambelo*. o significado é ‘O/um professor perdeu as provas.’

Para além do aspecto referido no parágrafo acima, também constatamos que a partícula eufônica *a-* não se flexiona em gênero e em número, no sentido de sintaticamente concordar com o núcleo do SN. Isto significa que essa partícula é invariável. Por isso, podemos ter construções do tipo A*Mudondrisi alahlile svikambelo*. ‘O/um professor perdeu (as) provas.’ assim como *Avadondrisi valahlile svikambelo*. ‘Os/uns professores perderam (as) provas.’

Apesar de a língua não possuir artigo definido, os seus falantes têm formas próprias para expressarem a definitude. Para o efeito, adotam outras estratégias de definitização, como por exemplo, o emprego de demonstrativos, clíticos bem como pronomes absolutos.

Assim, à luz da análise dos dados apresentados neste artigo, chegamos às seguintes constatações:

- a) A língua ronga não possui artigo definido.
- b) A partícula eufônica *a-* não é artigo definido.

c) Para efeitos de expressão da definitude, os falantes de Ronga recorrem ao uso de demonstrativos, formas pronominais clíticas e pronomes pessoais absolutos, etc.

A discussão da partícula eufônica não foi exaustiva porque isso está fora do escopo do presente artigo. Futuros trabalhos sobre este elemento da gramática da língua ronga irão cobrir os aspectos aqui omissos, tais como a sua posição não inicial na frase, as restrições do seu uso, entre outros.

Referências

BORREGANA, António Afonso. *Gramática – Língua Portuguesa*. 9ª Edição, Lisboa, Textos Editores, 2007.

CANONICI, Noverino. *A Manual of Comparative Bantu Studies*. Durban, University of Natal, 1991.

CUNHA, Celso; Lindley Cintra. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

CHIMBUTANE, Feliciano. Línguas e Educação em Moçambique – Uma perspectiva sócio-histórica. In GONÇALVES, Perpétua & Chibutane, Feliciano. *Multilinguismo e Multiculturalismo em Moçambique: em direcção a uma coerência entre discurso e prática*. Maputo, Alcance Editores, 2015.

DOCKHORN, Nestor. Estruturas morfossintáticas de outras línguas muito divergentes da língua portuguesa. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, XI, no 12, p.90-97, 2008. Disponível em http://www.filologia.org.br/xicnlf/12/estruturas_morfossint%C3%A1ticas_de_outras_linguas.pdf. Acesso em 20/04/2017.

GUTHRIE, Malcom. *Comparative Bantu*. London, Gregg Press, 1967-71.

JUNOD, Henri A. *Grammaire ronga*. Lausanne, Imprimerie Georges Bridel & Cie, 1896.

KUKANDA, Vatomene. Diversidade Linguística em África. In *Africana Studia*. Porto, Número 3. Faculdade de Letras da Universidade de Porto, p. 101-117, 2000. Disponível em http://www.africanos.eu/ceaup/uploads/AS03_101.pdf. Acesso em 21/05/2017.

MIRANDA, Wânia. Kel e a expressão de definitude em caboverdiano. In *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, V. 23, n.2, p. 425-450, 2015. Disponível em <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/5855/8300>. Acesso em 21/05/2017.

NGUNGA, Armindo. *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo, Universidade Eduardo Mondlane. Imprensa Universitária. 2014.

NGUNGA, Armindo & BAVO, Názia N. *Práticas linguísticas em Moçambique: Avaliação da vitalidade linguística em seis distritos*. Colecção: AS NOSSAS LÍNGUAS IV. Centro de Estudos Africanos (CEA) – Universidade Eduardo Mondlane. 2011.

NGUNGA, Armindo & FAQUIR, Osvaldo G. (Eds.). Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário. (Coleção *As Nossas Línguas III*. Maputo: Centro de Estudos Africanos – UEM. 2011.

NGUNGA, Armindo; DUARTE, F. Bonfim & CAMARGOS Q. Fagundes. Differential object marking in Mozambican languages Payne, Doris L., Sara Pacchiarotti & Mokaya Bosire. (Eds). *Diversity in African languages: Selected papers from the 46th Annual Conference on African Linguistics*, Berlin: Language Science Press, p. 332-353, 2016.

NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. *Dicionário Ronga-Português*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar – Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1960.

PAULA, Ronaldo Rodrigues de & DUARTE, Fábio Bonfim. Diversidade linguística em Moçambique. in Leite, Boaventura & Severo, Cristine Gorski. (Org). *Kadila: Culturas e ambientes. Diálogos Brasil-Angola*, São Paulo,Blucher, p. 343-362, 2016.

PRADO, Lúcia Lourenço. Nomes próprios gerais no contexto de semântica do J. S. Mill. *Transformação*. São Paulo, 28(1):67 p. 67-85. 2005. Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732005000100004. Acesso em 21/05/2017.

SÓSTENES, Valente Rego. *Descrição sistémico-funcional da gramática do modo oracional das orações em Nyungwe*, 2012, (Tese de Doutoramento em Linguística Geral), Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa.

SILVA, Wânia Miranda Araújo de. O sintagma nominal do caboverdiano: uma investigação semântica. 2013. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Disponível em

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-13092013-110158/pt-br.php>. Acesso em 19/05/2017.

SITOE, B. & NGUNGA, Armindo. (Orgs.). Relatório do II Seminário Sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas. Maputo, Universidade Eduardo Mondlane, 2000.

SVOBODOVÁ, Iva. Artigo definido e nulo com os antropónimos e topónimos. *Études Romanes de Rrno*. 32, 2011, 1. Disponível em

<https://is.muni.cz/www/9255/articles/erb321/artigo.txt?lang=en>. Acesso em 21/05/2017.

TALJAAARD, PC. *Handbook of isizulu*. J.L.Van Schaik, Pretória, 1988.

ZHANG, Jing. Aquisição do sistema de artigos por aprendentes chineses de português. In MARÇALO, M. João el al. (eds). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*, Universidade de Évora, p. 56-75. 2010. Disponível em

<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg24/06.pdf> Acesso em 25/08/2017.

Recebido em 15/06/2017

Aceito em 18/08/2017